

ENTRE FOGO & RAPOOSAS



Autora best-seller Amazon

ANNA ANDRADE

Copyrights © de Anna Andrade

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida de qualquer forma, seja por meio eletrônico ou mecânico, ou arquivada em qualquer tipo de arquivo sem autorização expressa por escrito da autora.

Copidesque: Tici Pontes

Revisão: Miah S. Kan-Po

Ilustração da capa: Fernanda Sartori

Capa: L Chagas Design

Diagramação: Anna Andrade

ASIN: B0D693P8BL

Sumário

Sinopse.....	Erro! Indicador não definido.
Playlist.....	5
Prólogo.....	7
Capítulo 1.....	13
Capítulo 2.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 3.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 4.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 5.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 6.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 7.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 8.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 9.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 10.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 11.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 12.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 13.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 14.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 15.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 16.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 17.....	Erro! Indicador não definido.
Epílogo.....	Erro! Indicador não definido.
Nota da autora.....	Erro! Indicador não definido.
Avalie o livro.....	Erro! Indicador não definido.
Sobre a autora.....	Erro! Indicador não definido.

SINOPSE

Ki Kwan, também chamado de Dan, é o irmão do meio de trigêmeos. Na maior parte do dia fica em casa, onde é protegido pela mãe. Ela tem bons motivos para mantê-los sob seus cuidados: são seres mágicos, frutos da relação entre uma *gumiho*, lenda coreana de uma raposa de nove caudas, e um burro sem cabeça.

Mesmo com a ausência paterna, os trigêmeos tentam, da sua forma, se encontrar na sociedade. Não é fácil conviver com o fim da adolescência e o início da vida adulta, uma vida repleta de segredos da mãe.

Após um desentendimento em casa, Dan revive o terror de presenciar o sequestro da mãe. O ocorrido abala a família e revela que, além de encontrar a matriarca, Dan precisa impedir que seu irmão mais velho, Ye-Jun, cometa algum erro que exporá a verdade sobre os Kwan para o mundo.

Em uma história com elementos coreanos, nordestinos e mágicos, Anna Andrade entrega uma fantasia urbana que trabalha drama familiar, aventura, representatividade LGBTQIAP+ e uma pitada de romance.

PLAYLIST

Aponte a câmera para o QR Code e confira a playlist no Spotify.



Para as pessoas que tentam se encontrar dentro de casa, mas nem sempre conseguem

PRÓLOGO

“Eu que nasci por aqui
Vi tudo ir, sorrir, ruir
Vi divisão, contradição
O caos os tantos não na mão
E tudo que nos leva a solidão”
Pode ser easy de Mateus fazeno rock

O protagonista ia morrer, havia todos os indícios na cena de que ele não duraria nem mais um minuto no campo de batalha. Enquanto as explosões no fundo ficavam mais intensas e as chamas se alastravam pelo lugar, o vilão e ele ainda se enfrentavam. Não tinha como soltá-lo de uma vez, muito menos empurrá-lo para longe, pois a força do vilão sobre si era muito maior.

Um filete de sangue escorreu na testa, caindo no rosto do protagonista. A simples distração serviu para empurrar com mais força o punhal para longe de seu pescoço. Mesmo assim, em apenas um movimento breve, o vilão cortaria a garganta dele.

A tensão se dissipou quando o despertador do telefone de Dan ressoou pela livraria. Por reflexo, ele soltou o livro que lia. O objeto caiu aberto no chão de madeira, e Dan tinha certeza de que alguma página tinha sofrido com o acidente.

Tateou a bermuda às pressas, para que o barulho não se alongasse no lugar silencioso, e as pessoas ao seu redor já o olhavam com a testa franzida. O som ambiente composto por uma *playlist* genérica do Spotify passava despercebido de tão baixo, parecia que nenhum frequentador do estabelecimento gostava de música.

Dan se habituou ao local, por isso colocava alarmes silenciosos para não perder a hora. Pelo visto, algo deu errado em sua programação, porque o toque clássico do *smartphone*

tocou com vigor nas caixas de som. Suspeitou ser obra de Ivo, o irmão mais novo, que vez ou outra lhe pregava uma peça.

Pedi desculpas assim que conseguiu desativar o alarme, levantando-se da cadeira com o livro danificado na mão. A pequena confusão o fez perder a marcação da página de onde tinha parado, mas pouco importava. Dan não queria continuar a leitura, não suportava as mortes dos protagonistas e apostava que aquela história seria uma dessas.

Tinha que confessar que bisbilhotou o Skoob — rede social para quem ama ler — e conferiu as avaliações do livro antes de terminá-lo, por isso não se interessou em continuá-lo. Deixou-o no balcão, ao ajeitar as páginas levemente dobradas, ganhando um olhar triste de Osvaldo, o vendedor.

— Você vai se arrepender de não terminá-lo, te garanto — disse ele, balançando a cabeça para Dan.

— Dificilmente. — Estreitou os olhos castanhos angulares.

— Deveria confiar mais em mim, te indiquei esse porque é a sua cara. — Osvaldo guardou o livro e apoiou os cotovelos no balcão.

— Igual a Duna. — Dan revirou os olhos. — Só propagandas enganosas, você deveria ser punido nas redes sociais por recomendar algo que não tem nada a ver com a pessoa.

— Achei que gostasse de coisas de outro mundo.

— Estou procurando uma história menos especulativa. — Dan desviou o olhar, procurando romances na prateleira mais próxima.

— Por quê? O que mudou? — Osvaldo arqueou as sobrancelhas, ressaltando a linha grossa com fios brancos aparentes.

— Quero entender mais as pessoas, só que na ficção mesmo. Não suportaria ler em uma visão mais técnica.

— Você é difícil. Mas posso saber por que isso de repente?

— Sinto que preciso viver mais. — Dan dedilhou o balcão de madeira, ainda pensativo.

— Procure ir a outros lugares além daqui. Por mais que eu goste da sua companhia, seria bom te ver curtindo a cidade. Fortaleza é imensa, há evento para ir toda semana.

— Parece propaganda da prefeitura.

Eles riram.

— Ah, antes de ir. É melhor você comprar algum livro quando vier da próxima vez.
— Osvaldo olhou para os lados, como se procurasse alguém. — Meu chefe reclamou, ele reafirmou que aqui não é uma biblioteca.

— O que posso fazer? Fica na rua de casa, é mais fácil do que ir à Biblioteca da Universidade. — Dan sorriu, fazendo menção de que partiria. — Pede para ele ficar tranquilo, agora tem mais clientes do que antes e você sabe por quê.

— Eu sei. — O vendedor balançou a cabeça, indicando as três garotas que os espiavam a poucos passos dali.

Dan sorriu, acenando para elas. Uma soltou um gritinho, que assustou um pobre idoso que consultava a seção de Direito perto delas. O rapaz se divertiu, deixando a tensão da história do livro de lado. A Livraria Marés era o local preferido dele em toda Fortaleza, sempre saía de lá com um misto de sentimentos.

O maior refúgio veio principalmente quando Dan brigava com o irmão mais velho, Ye-Jun. Eles dois e Ivo eram trigêmeos em um bairro onde os moradores os conheciam por isso, por serem descendentes de coreanos e por serem reclusos.

A mãe deles, Cleo, o nome brasileiro dela em homenagem à atriz e cantora Cleo Pires, mantinha-os seguros dentro de casa. “Seguros” era o termo que a mãe usava todas as vezes que os filhos perguntavam sobre saídas; e nenhum dos três deveria questionar.

Não era simples viver em sociedade quando se era uma criatura mágica e forte em uma capital numerosa. Mesmo assim, Dan precisava respirar fora de casa pelo menos três vezes por semana, afinal, tinha 17 anos. Ficar preso entre quatro paredes deixaria qualquer um louco e alienado.

Ivo e Ye-Jun não obedeciam à mãe, então cabia a Dan ser o exemplo.

No caminho de casa, aproveitou para tomar um banho de sol, vitamina D no organismo nunca era demais. Acenou para alguns vizinhos que caminhavam pela calçada. Acostumou-se a encontrá-los no mesmo horário. Embora estivesse em um bairro mais residencial, havia estabelecimentos abertos, então seus funcionários também caminhavam por ali. Era naquele intervalo que Dan os via, com os rostos entusiasmados para o que comeriam na padaria ou no restaurante da rua.

Apesar de se deparar com eles frequentemente, não encontrou problema em saberem da sua existência. Humanos poderiam ser lentos em perceber alguma anormalidade, além disso, o cinema os tinha preparado para não estranhar tantos seres atípicos. Dan se sentia privilegiado pelo tempo e pela cultura *geek*.

Cleo, por outro lado, mostrou-se ainda mais preocupada, pela pose na entrada da casa. Os braços cruzados e a testa enrugada entregavam a chateação da mãe. Se estivessem entrando, ela talvez até estivesse com as íris alaranjadas e as pupilas afinadas, como a de uma raposa. Por hora, de avermelhado eram apenas os cabelos curtos, marca registrada dela na vizinhança.

Passaram pelo portão sem dizer nada, e Cleo fechou a porta atrás de si. A sala estava arrumada, como Dan deixara antes de ir à livraria. Não havia mais ninguém, pelo que poderia escutar, pois os irmãos eram barulhentos e teriam entregado suas presenças se fosse o caso.

— Como foi o seu dia? — perguntou ele, para aliviar a atmosfera.

— O de sempre, cansativo. — Cleo caminhou até a mesa de jantar, onde colocou seus pertences.

— Quer que eu faça a janta?

— Não, pode deixar que eu faço. — Ela suspirou. — Querido, eu contava contigo para ser o único que me ouviria e entenderia o meu receio de vocês saírem de casa, mas como posso argumentar com os outros meninos se nem você se protege? — disse em coreano. Sua coluna estava curvada e os ombros caídos após um longo dia de trabalho, e Dan sabia que Cleo ainda trabalharia mais em casa. — Tenho medo do que os humanos podem fazer com vocês. Já bastam as guerras entre si, imagine nós... Estou cansada de viver entre eles, é uma tensão diária.

— A senhora deveria descansar — disse Dan em português.

— Um dia, quando tiver certeza de que estão bem. — Cleo passou por ele, e se virou quando chegou à porta. — Por favor, me ajude.

As palavras dela partiram o coração dele. Dan nunca chorou na frente de Cleo, mas teve vontade ao ver a mãe naquele estado de cansaço. Por mais que ajudasse em casa nos afazeres, nunca parecia ser o suficiente. Cleo dava aos trigêmeos mais do que poderia suportar, mais do que seu corpo poderia prover.

Ele correu para os braços dela, na tentativa de dar o que tinha ao seu dispor. Com quase duas décadas, Dan não tinha construído nada na vida, nem vivido aventuras, amores, tristezas, felicidades, decepções. Ao se afastar e encarar o rosto da mãe, parecia que ela também não tinha feito muito.

Existia um código na família Kwan: os trigêmeos não perguntavam sobre o passado da mãe. Dan não entendia bem a razão, mas nunca a questionou. Havia muito mais o que conversar quando ligavam a televisão, parecia apenas um detalhe a ser ignorado pelo desejo dela.

Era segunda-feira, e Cleo também trabalhava à tarde, onde e com o que Dan não fazia ideia. Mais mistérios. Embora o rapaz suspeitasse que fosse na área de educação, por ela sempre estar com livros novos nas mãos e muitos papéis. Ele chegou a esgueirar para saber do que se tratavam, os documentos se assimilaram mais a provas de curso pelo formato do texto do que qualquer outra suspeita.

Pegou os pertences da mão dela com gentileza, para acompanhá-la até a parada de ônibus. Eles saíram da casa, Dan trancando a porta logo depois, como habitualmente fazia. Ainda que o bairro fosse tranquilo e eles não tivessem nada de muito valor na casa, não fazia sentido não se precaver.

Embora estivesse triste pela mãe, Dan tentou relaxar e sorrir. Não queria que Cleo levasse mais carga para o trabalho. A tentativa de suavizar o momento foi em vão, pois o corpo dele estremeceu quando o som estridente de um carro cantou pneu na rua. Chocou-se ao ver três automóveis pretos pararem na frente da casa.

Seis pessoas altas de ombros largos desembarcaram, como se fossem atacá-los. O reflexo de Cleo a fez puxar o filho para detrás dela. As mãos livres se arquearam, preparadas para virarem garras. Não tinha como saber o que estava por vir, mas Dan ficou petrificado, com a bolsa e a pasta nas mãos.

Quando um homem sacou o revólver, o coração do rapaz acelerou. A ameaça era clara, eles poderiam matar Dan e a mãe. Mesmo sendo criaturas mágicas, não eram imortais. Chamou Cleo em coreano, mas ela não respondeu, seu olhar estava fixo nos intrusos. Eles eram comuns, com calças, bermudas e camisas diversas, e não havia nada que fosse marcante

além do porte físico definido. A confiança era tamanha que nenhum deles usava máscara. Mas precisaria? O que fariam?

Um deles avançou em Cleo e começou uma luta corporal. Dan nunca tinha visto a mãe socando outra pessoa, ficou pasmo com os movimentos ágeis. Humanos não tinham a mesma força ou habilidade que eles, por mais que as pessoas fossem treinadas.

A mãe o desarmou com um chute eficaz no cotovelo, fazendo a arma voar para longe. A resposta do intruso foi instantânea ao socá-la na face. Cleo não recuou, mesmo com o rosto vermelho, mas havia mais medo do que dor em seus olhos.

Dan deu dois passos à frente por instinto, preparou-se para o ataque com os punhos fechados, mas outro intruso apontou uma arma na cabeça dele.

Naquele momento, o rapaz procurou ajuda da vizinhança com o olhar, uma vez que a arma o intimidou para não gritar. Precisava de alguém que pudesse ligar para a polícia. Por várias vezes, viu pessoas na janela, vendo a movimentação do bairro, esperando algo acontecer para ser a fofoca no dia seguinte. Qualquer uma delas seria bem-vinda.

Infelizmente, não havia ninguém.

— Vem com a gente ou eu atiro no seu filho — ameaçou um dos intrusos.

Aquilo bastou para Cleo parar de se defender, pois ela não faria nada para ferir Dan. Por mais que fosse um ser mágico, não hesitou em entrar no carro. Os homens foram logo em seguida, dando partida no veículo e deixando Dan em estado de pânico na rua silenciosa.

CAPÍTULO 1

“Saia de dentro dessa bolha
Que vive como se conhecesse todo mundo que te cerca
Agora não existe aqui
Saia de dentro dessa bolha
Que vive como se conhecesse todo mundo que te cerca
Agora não há mais pra onde ir”
Bolha de Garotos da Capital

— Como assim a *eom-ma* foi sequestrada? — gritou Ye-Jun, pisando forte na sala.

Ele era o único que chamava Cleo de mãe em coreano. Dan sentiu o peso da palavra com mais força, pois pareceu que Ye-Jun a conhecia mais.

O rapaz se enxergou no irmão mais velho, apenas o rosto afilado, nariz pequeno e cabelos curtos, mas as tatuagens nos braços e os *piercings* nas orelhas eram apenas um detalhe do que os diferenciava. Ye-Jun não escondia sua rebeldia no modo de se vestir, muito menos de agir, embora nada disso implicasse em seu amor pela mãe.

Era claro que os trigêmeos dariam a vida por Cleo.

Por isso, a raiva de Ye-Jun foi intensa, a ponto de ele mudar as íris de castanho-escuras para vermelha. A compostura dos músculos tensionados estava para ataque, assim como Dan reparou na da mãe antes de atacar os intrusos.

— É o que falei, ela estava indo trabalhar até que... — Dan gesticulou os braços, nervoso. Tentou desviar o olhar do irmão, mas não conseguiu.

— Por que não se transformou? — disse Ye-Jun de uma forma tão natural que Dan estranhou.

Como o irmão poderia virar uma criatura mágica no meio da rua? Ainda estava claro e, mesmo sem ter ninguém por perto, o risco era alto.

— Pensei no que nossa mãe nos ensinou durante todos esses anos. Foi exatamente por isso que ela procurou restringir as saídas — rebateu Dan. — Eu não estou contente comigo mesmo por não ter feito nada, mas eles estavam armados. Pareciam até seguranças profissionais.

— E daí? — Ye-Jun cerrou os olhos angulares, dando um passo na direção dele. — Por ela, você deveria ter levado um tiro.

Como sempre, o irmão mais velho era o mais intenso. Dan mordeu os lábios para conter as palavras, mas Ivo, o mais novo, interveio. Ele atravessou a sala com as mãos levantadas, como se fosse dar bandeira branca.

— Calma, também não é assim. Temos que pensar em uma saída juntos e não brigarmos. Estamos aqui há pelo menos vinte minutos e não decidimos nada.

— Ele tem razão, Ye-Jun — concordou Dan.

A dor o corroeu por dentro, tratava-se da culpa por não conseguir impedir o rapto da mãe. Ye-Jun enfrentá-lo era como se apertasse sua ferida aberta, nem tinha cicatrizado e ainda sofria.

Entendia a frustração do irmão, mesmo que Dan tivesse um vínculo maior com Cleo por ajudá-la nas atividades de casa e terem mais em comum. Os dois assistiam as mesmas séries, riam das mesmas piadas e também amavam as mesmas comidas.

A conexão entre mãe e filho, até então, nunca pareceu ser um problema ou motivo de inveja dos outros dois irmãos, afinal, Ivo e Ye-Jun também ficavam juntos. Era em uma frequência menor, mas Dan sabia que eles guardavam segredos um do outro. Nunca perguntou sobre, ele tinha sua própria confidente: Cleo.

Foi para ela que o rapaz contou que se apaixonou pela primeira vez. Na época, tinha apenas 8 anos, e o pouco que viu pela janela do quarto do mesmo vizinho o fez se encantar. Dan não sabia seu nome, apenas onde ele estudava, pelo uniforme escolar, o que bastou.

Foram vários outros, e Cleo escutava o filho sonhar com encontros que pareciam ser impossíveis. Dan se viu preso em uma torre, como a Rapunzel, por isso levou um tempo para entender o medo da mãe com o mundo real.

Cleo era a autoridade da casa, mas como Ye-Jun era o filho mais velho, com a ausência dela, ele assumiu o controle. Nitidamente queria suprir a ausência paterna a qualquer

custo, não era por menos que aparecia com dinheiro do nada, pagando contas de energia, água e Internet. Passava horas fora de casa e voltava exausto. Dan reconhecia o cheiro de suor e ervas, apesar de Ye-Jun tentar mascarar-lo com um perfume forte.

O tom de voz autoritário dele também era claro. Diante de Dan e Ivo, que estavam encolhidos, Ye-Jun os fitou de cima. A postura falava por si só, ele estava nervoso, queria soluções naquele momento, como se fosse possível, em um estalar de dedos, os trigêmeos pensarem em algo específico para salvar a mãe.

Dan nunca deixou o bairro, nem sequer conheceu mais do que quinze pessoas na vida. Seus conhecimentos sobre a humanidade se limitavam ao que assistia na televisão. Como poderia entender a burocracia do Brasil, avaliar os suspeitos baseado no histórico de Cleo e traçar um plano para recuperá-la?

— Eu sinto muito — disse Dan, enquanto apertava a calça com força. — Sei que não importa quantas vezes eu diga isso, não serão suficientes. A mãe *deveria* estar aqui, eu *deveria* ter conseguido alguma informação para conseguirmos encontrá-la. Falhei com ela, com vocês...

— Segura o choro. — Ye-Jun deu dois passos na direção dele, reduzindo o espaço entre eles para poucos centímetros. — Resolverei isso. Vou atrás dela a todo custo, mesmo que precise revelar ao mundo a existência de *gumihos*. A *eom-ma* não merece isso.

— Meio *gumihos*, meio burro sem cabeça — corrigiu Ivo, baixo, fazendo questão de enfatizar as duas lendas.

— Você não pode se transformar na frente de humanos — reforçou Dan, levantando-se.

— Quem vai me impedir? — Ye-Jun enfrentou o irmão, fazendo um filete vermelho no mesmo tom dos olhos surgir no pescoço, traço do seu lado burro sem cabeça.

— Se for preciso, eu me recuso a deixar você jogar anos de cuidado da mãe por água abaixo — falou Dan, sem elevar a voz, embora falhasse em certas partes. — Grite comigo, me xingue, mas não faça uma besteira de cabeça cheia. O mundo dos seres mágicos não é para ser revelado, esse segredo tem séculos e você não deveria decidir por todos nós. Além disso, se os humanos descobrirem, nossa vida vai se tornar um caos.

— Não temos vida sem a mãe. — Ye-Jun puxou Dan pela camisa. — Como consegue ser tão racional em um momento como esse?

— Eu...

Ele não queria chorar, ainda mais na frente do irmão mais velho. Nem teve tempo de pensar quando o rapto aconteceu. Ye-Jun e Ivo chegaram em casa minutos depois da ligação. Era muito para Dan absorver, a angústia estava presa na garganta, impedindo-o de gritar. A dor no peito aumentou, muito mais do que o aperto de Ye-Jun.

— Você o quê?

— Ye-Jun, deixa. — Ivo se aproximou deles, tranquilo.

— Não se mete — cuspiu entre os dentes, ainda fitando Dan.

— Podemos conversar... — Ivo o tocou no braço, mas foi empurrado por Ye-Jun.

O golpe o fez tombar de volta no sofá com uma força descomunal. O móvel quebrou no meio, o material não aguentando o impacto. A cabeça de Ivo chicoteou na parede, também rachando a estrutura.

Os primeiros milésimos de segundos serviram para os dois processarem o ocorrido; Ye-Jun também parecia pasmo ao encarar o irmão caído. As pernas trêmulas e o rosto pálido entregavam o medo dele.

Dan o olhou com raiva, sentindo a energia fluir pelas suas veias. Seres mágicos como eles poderiam perder o controle em momentos de fúria. O que o fez recuar foi a reação de Ye-Jun, que encolheu-se, o que foi inesperado para um jovem que tinha mais de 1,80 metro de ombros largos, e a movimentação de cabeça de Ivo.

Dan virou-se para acolher o mais novo, que murmurou com os olhos fechados. Uma gota de sangue escorreu pelos cabelos curtos e brancos, desceu no rosto e pingou do queixo. Dan tentou não se desesperar, imaginando como seria ter que levá-lo ao hospital público.

Ajoelhou-se e tateou de leve o corpo de Ivo, procurando algum osso quebrado, enquanto o chamava pelo nome. Sentiu o vento correr pela sala, foi quando se virou e notou que Ye-Jun não estava mais com eles.

— Ivo, fala comigo!

Era difícil ponderar o quanto os trigêmeos tinham de força, como também quanto poderiam suportar em um ataque. Eles não foram criados para lutar. Dan não queria machucar ninguém e, olhando o irmão sangrando, tinha certeza disso.

Antes que Dan o pegasse nos braços e corresse em busca de ajuda na rua, Ivo começou a se mexer. A tensão fez com que esse se assustasse quando a porta da casa se fechou de uma vez. Ele se preparou para gritar, achando que era Ye-Jun, mas, na verdade, era Cauê, amigo de Ivo.

— O que aconteceu? — Cauê correu para o lado de Dan, pegando Ivo com mais tato e tentando tirá-lo do buraco criado há pouco.

— Eu...

Dan não era uma pessoa de ações, seu corpo tremeu pelo pânico da série de questões que tinham acontecido na última meia hora. Quis voltar no tempo, ainda que fosse possível apenas em seus sonhos, ou pelo menos fugir. Encarar a realidade parecia mais dura do que ele havia imaginado. Nunca precisou enfrentar um problema na vida, não daquele tamanho.

— Vai com calma — resmungou Ivo. — Estou bem, só um pouco dolorido.

A presença de Cauê também o fez hesitar, e Ivo piscou para Dan, como se buscasse ajuda para explicar o ocorrido. Eles ajudaram Ivo a se erguer, procurando a poltrona para sentá-lo devagar. Cauê correu para a cozinha, voltando em segundos com uma bandeja de gelo e um pano de prato. Torceu-a, despejou os cubos no tecido e o usou para confortar a cabeça de Ivo.

Dan e ele gaguejaram, atentos com a agilidade que Cauê preparou tudo.

— Tinha feito isso antes? — perguntou Ivo, e fez uma careta quando o pano gelado tocou a ferida.

— O quê? — Cauê afastou a mão dele, segurando ele próprio a bolsa térmica improvisada.

— Isso — disse Dan e Ivo em uníssono, apontando para o sofá e depois para a cabeça de Ivo.

— Claro, quem nunca se machucou antes? — Ele deu de ombros. — Não do nível de quebrar um sofá, essa é a primeira vez. Como estão suas costas, Ivo? Posso procurar algum remédio em casa.

— Estou bem, acredite. O sangue foi um exagero, meu corpo parece bem melhor do que aparenta.

— É coisa... você sabe — falou Cauê, baixo, tentando desviar o olhar de Dan.

— Sim.

— Do que estão falando? — Dan cruzou os braços, e quando os observou bem teve certeza. — Você contou para ele, Ivo! Não posso acreditar.

— Ele é o meu melhor amigo. Por isso eu o chamei quando você falou que tinha acontecido algo sério com a mãe.

— E eu não sou fofoqueiro — completou Cauê com orgulho.

— Não importa. — Dan suspirou, passando a mão pela testa. — Não quero brigar com você também. Chega por hoje.

— Na verdade, os pais do Cauê são policiais. Então, podemos ter ajuda para achar mamãe — explicou Ivo.

Dan emitiu um som estranho, como se no fundo gostasse do que tinha ouvido. Não era o ideal envolver humanos na jornada, mas os dois irmãos precisavam da ajuda de alguém que saberia mais sobre o mundo do que eles, e Cauê parecia ser a pessoa ideal.

O coração acelerado não descansou, afinal, claro que também tinha o fator extra na decisão. Dan gostou do amigo de Ivo logo de cara. Havia algo entre os cabelos cacheados, a pele negra, os lábios bem desenhados e o sotaque cearense que ele se interessou.

A aventura deles prometia.

